

NÃO EXISTE POESIA BEST-SELLER

Rachel Bertol*

Breve visita

Algumas pessoas que visitam a redação do jornal, especialmente o cantinho onde trabalha a equipe do suplemento literário, costumam ficar abismadas. “Isto é de propósito”, dizem muitas vezes, sobretudo os assessores de imprensa de editoras – os que mais assiduamente nos procuram – ao verem as pilhas de livros que se amontoam em torno dos três terminais de computadores (chegam à redação lançamentos de literatura, filosofia, história, ensaio, biografia, reportagem-romance etc).

A cada dia, são uns três, quatro – às vezes dez – novos livros e, como o armário sempre está cheio, resta-nos tentar organizá-los sobre as mesas de trabalho. Não é raro o assessor ou mesmo editores e escritores, quando lá vão, ficarem constrangidos de lançar mais um volume à arena... Mas não tem jeito: os livros precisam chegar aos jornalistas. Jornal é algo sempre dinâmico, um lugar onde acaso e improvisação se somam à tentativa de planejamento das edições e onde não se pára um instante sequer. Está-se sempre ou apurando pautas, ou pesquisando na internet, ou fazendo contatos para repassar livros a serem resenhados, ou respondendo a e-mails, ou atendendo a telefonemas (são muitos os leitores, também, que ligam).

Onde está a poesia?

Sim, o cenário dos bastidores vale para livros de todo gênero, obviamente. Mas muita gente não tem idéia de como funciona um jornal, situação que resulta seguidamente em equívocos. Pode ser interessante, portanto, partir da realidade física – esta que revela um mundo inflacionado de livros – para abordar a realidade imaterial, os questionamentos, as dúvidas específicas em torno dos títulos de poesia. Em meio ao aparente caos, afinal, como encontrar a poesia?

* Editora assistente do *Prosa & Verso*, suplemento de literatura do jornal *O Globo*.

A jornalista, nesta revista acadêmica em que foi convidada a contar como é feita a edição das obras de poesia, deve admitir, logo de início, que o gênero talvez seja um dos mais difíceis de se apreciar, pelo menos comparativamente aos demais, que também buscam ganhar as páginas dos jornais. Mas por quê?, vão perguntar os poetas, os professores, os críticos.

Para início de resposta, é preciso observar que editar não é algo que o jornalista faz sozinho. Obviamente, ele depende da realidade. Neste caso, em primeiro lugar, são necessários verdadeiros poetas. Em seguida, bons editores. Depois – e isto é fundamental – resenhistas ou críticos competentes, dispostos a escrever em jornal de grande circulação, ou seja, não acadêmico nem especializado. Isto não quer dizer que a responsabilidade do jornalista não seja grande. A partir do que dispõe, ele lança seu olhar, busca um recorte para apresentar ao leitor. E o recorte jornalístico, mais do que atender ao gosto e ao interesse pessoal do profissional, visa ao objetivo específico de chamar atenção do leitor, informá-lo e conquistá-lo.

Estando do lado do leitor, o jornalista não está filiado – ou não deveria – a nenhuma escola. Se brigas ou disputas intelectuais em torno de uma suposta “verdade” do fazer poético ainda existem, o jornal deve espelhar, da maneira mais abrangente possível, esse variado cenário. Poetas herdeiros da linhagem marginal, neoconcretos, formalistas, líricos de todo tipo devem encontrar nele uma arena para expor o embate ou a convivência harmônica das idéias. A intenção não é privilegiar vertentes, mas, antes, mostrar ao leitor a variedade de correntes que coexistem, neste início de século XXI, numa cidade como Rio de Janeiro.

O primeiro passo da edição é, justamente, perguntar onde está poesia. Assim se inicia a difícil apreciação, com questionamentos que nunca são puramente técnicos do ofício jornalístico. Intuitivamente – a pressão do tempo sempre condena o jornalista à intuição – fazem-se perguntas básicas, as quais talvez todo poeta, e mesmo todo criador, também deveria responder quando parte à aventura de escrita. É algo que se refere à pertinência do conteúdo e da forma poéticas.

Isso porque a poesia é exigente. Aparentemente contradizendo o que acaba de ser dito, ao mesmo tempo em que o jornalista deve estar aberto para acolher as diferentes escolas poéticas, ele não pode, nem deve, tudo aceitar. Editar, finalmente, é uma maneira de emitir um juízo de valor, e disso nenhum profissional deve se isentar. Portanto, cabe ao jornalista ter em mente que nem todo exercício de linguagem é poesia. Trata-se de gênero onde as palavras são manejadas com sutileza, onde se depara com as máquinas do mundo

que muitos pressentem mas poucos expressam. Nisso a poesia (e toda arte, enfim) até se aproxima do bom jornalismo: do cotidiano – e de tudo pode a poesia vicejar – extrai-se o novo, ou não necessariamente novo, mas algo com uma semente inusitada, alguma forma de olhar renovado.

Quando recebe um livro, o jornalista quer saber se o autor responde de alguma forma a essa exigência básica, assim como o poeta nunca deveria descuidar-se da questão. Não deixa de ser, para ambos, um risco, já que, por outro lado, é preciso ousar, insistir na trilha de acertos e inevitáveis erros. No entanto, há armadilhas no mercado editorial, exacerbadas cada vez mais pela pressão do consumo, que não seriam difíceis de evitar.

Publicar um livro, especialmente de poesia, é difícil, certamente. Os editores aí estão para discutir os entraves que dificultam seu trabalho. No entanto, por outro lado, as novas tecnologias e a ciranda do consumo favorecem a produção, haja vista a grande quantidade de editoras e a alta rotatividade de lançamentos. Embora os livros de poesia sejam editados em menor número que os de outros gêneros, não deixam de estar inseridos na lógica do mercado. Na roda-vida, muito material indigente acaba sendo publicado, assim como são muitos os livros que vêm a lume sem estarem verdadeiramente prontos. No consumismo, os autores correm o risco, eles próprios, de se serem vítimas, consumidas. Enfim, a poesia, forma de expressão tão sutil, sofre com os solavancos e as normas de um cenário editorial cada vez mais competitivo.

Encontrar, portanto, a poesia em meio à inflação de lançamentos não é fácil. Porém, ela resiste. Sobretudo os clássicos. Os portugueses – como Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Sophia de Mello Andresen – têm edições novas no catálogo de grandes editoras. As obras de Drummond e Murilo Mendes foram recentemente reeditadas, e não é difícil encontrar volumes e compilações de Bandeira, João Cabral, Cecília Meireles.

O maior desafio para a poesia, hoje, em seu encontro com o leitor – pois é isso o que o jornal propicia – é a renovação. Algumas iniciativas, como a coleção *Ás de Colete*, realizada numa parceria das editoras 7Letras e Cosac & Naify, têm conseguido destaque, por conta da qualidade do material editado, em forma e conteúdo. É também o caso da *Azougue*, com interessante e vigoroso catálogo. A *Aeroplano*, casa editorial da crítica e professora Heloisa Buarque de Hollanda, não deixa de fazer seus rasantes poéticos. A poesia se mantém presente, mas certamente não está em posição central no giro do mercado editorial. O jornal não deixa de espelhar essa realidade, embora também não deva se eximir de querer transformá-la. É como uma corda

bamba: ao mesmo tempo em que o leitor exige o novo ele quer se identificar, reconhecer-se através do jornal. Editar, nesse contexto, é buscar dar conta desse paradoxo.

Falando de poesia

As dificuldades na edição jornalística são indissociáveis do estado da poesia hoje, sua relação com o mundo e com os leitores, seus esgotamentos, crises, impasses. Estaria o livro, como suporte da expressão poética, enfrentando uma crise? A prosa ficcional consegue ser muito mais bem-sucedida em alcançar o leitor hoje (portanto a crise não é do livro, longe disso).

Muitos poetas e editores se contentam com a posição acanhada da poesia hoje, e talvez tenham razão quando raciocinam que isso decorre da natureza sutil do gênero. No entanto, não é saudável se contentar com essa situação acuada, sobretudo quando se evoca a universalidade de poetas como Camões, Dante ou Homero. Se não chegaram a mudar o mundo, pelo menos chegaram perto disso. Não é difícil convencer o leitor da grandeza desses autores. A poesia é, sim, essencial.

Ora, em contrapartida e pelos motivos já apontados, também não existe poesia best-seller. Não se faz poesia para vender como pãozinho quente, assim como muitos romances são feitos. São coisas excludentes. A verdadeira poesia precisa ser, por excelência, anti-best-seller. Se vier a vender muito, que bom, mas será sempre apesar dela própria.

Sim, é preciso respeitar a poesia. Respeitar, muitas vezes, a sua necessária dose de hermetismo. Não é da linguagem comum de que estamos falando. Não se quer a sua vulgarização. No entanto, é preciso haver comunicação. E o resenhista, que se propõe a ser uma ponte entre o leitor saturado de informação e o poeta criador, deve saber transitar entre esses dois mundos.

Encontrar o resenhista ideal, porém, não é fácil. Na academia fica, em geral, ainda mais difícil, com algumas exceções. Neste ponto, entramos na discussão sobre o estado da crítica hoje no Brasil. O fato é que existe grande dificuldade em se achar bons “tradutores”, que não insistam em se prender no hermetismo estéril, que torna a apresentação da poesia pouco instigante, desprovida de interesse no mundo inflacionado de livros e brilhos.

Todos, portanto, do poeta ao editor, do editor de jornal ao resenhista, e mesmo o leitor – ele também não é inocente – têm sua dose de responsabi-

lidade no caminho do verso ao mundo. E a própria realidade do Brasil contribui com sua parte. Entretanto, não devemos nos prender à idéia de que o jornal ou a revista de grande circulação são os únicos meios por onde a poesia pode ganhar as ruas. Existem hoje muitos meios, muitos canais de ação: o artista não precisa se paralisar.

O jornal é hoje a mídia mais antiga do mundo. Com a internet, a velocidade da comunicação que aumenta a cada dia e os novos suportes tecnológicos que vão continuar a nos surpreender com sua inventividade e novas soluções, a palavra – jornalística, técnica ou poética – vai transitar de maneira ainda mais explosiva pelo mundo. É um processo que já começou. E minha aposta é de que o livro vai vencer, e a poesia continuar a desvendar as realidades que a olho nu, sem as lentes de aumento da delicadeza, o homem comum não conseguiria enxergar.